

A dignidade da mulher!

por Ana Cristina Motta – IFTSSJ.



Maria

1. **Contexto:** A Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* busca esclarecer a responsabilidade e a dignidade que envolve a vocação da mulher segundo a ótica da “decisão do Criador de fazer existir o ser humano sempre e somente como mulher e como homem”. [n.1] O texto é fruto da reflexão sobre o Ano Mariano e da atualização do ensinamento do Concílio Vaticano II, que vê “a presença especial da Mãe de Deus nos mistério da Igreja”, “a mulher, que foi a mãe de Cristo”, como a ligação de todos os filhos e filhas do gênero humano ao Criador, feitos à sua imagem e semelhança. [n.2] A maternidade de Maria revela que a “mulher” está no centro do plano salvífico, quando por meio dela se realiza “o ponto culminante e definitivo da auto-revelação de Deus à humanidade”. Em Maria se realiza “uma tal união com Deus que supera todas as expectativas do espírito humano”. [n.3] Ao mesmo tempo em que a maternidade de Maria torna a “mulher” “representante e arquétipo de todo gênero humano” revela um caráter pertencente somente à Virgem de Nazaré: “a união entre mãe e filho”, que a torna verdadeiramente Mãe de Deus. [n.4] Como a graça não dispensa nem anula a natureza, a plenitude da graça anunciada pelo anjo, em vista da maternidade de Maria, significa “a plenitude daquilo que é característico da mulher”. Maria é assim, a expressão mais acabada da dignidade e vocação de toda mulher e também de todo homem. [n.5]

2. **A Sagrada Escritura:** Na primeira narração do Gênesis, a criação de ambos à imagem e semelhança de Deus revela o mesmo grau de dignidade que Deus lhes confere. Na segunda narrativa da criação Eva é apresentada como uma auxiliar dada a Adão, esse auxílio deve ser entendido não somente na tarefa de submeter a terra, mas também no desejo de Deus para a transmissão da vida às novas gerações: a união indispensável entre o homem e a mulher pelo matrimônio. [n.6] Como criatura racional e livre, capaz de conhecer e amar o Criador, o homem não pode viver sozinho, “pode existir somente em relação a uma outra pessoa humana” e, portanto, a criação “antecipa” a revelação de Deus como uno e trino, inserindo no homem a imagem da comunhão existente na Trindade. [n.7] Na Sagrada Escritura Deus revela-se com palavras humanas e como resultado da semelhança do homem, muitas vezes ela atribui a Deus qualidades “masculinas” ou “femininas” como acontece em Isaías 66: “Como alguém que é consolado pela própria mãe, assim eu vos consolarei (...)” [n.8] Também o pecado é a “confirmação sobre

a imagem e semelhança de Deus no homem”, porque é resultado da liberdade conferida a ele. O pecado rompe a unidade que envolve a criação do homem: a união com Deus e com o outro. [n.9] Culmina na “perturbação da relação original entre o homem e a mulher” da qual a mulher é a mais prejudicada, não somente no matrimônio, mas também na convivência social, onde “ela permanece em desvantagem ou é discriminada pelo fato de ser mulher”. No entanto, como resposta à discriminação, as mulheres não devem se apropriar das características masculinas, isso significaria “deformar e perder aquilo que constitui a sua riqueza essencial”. [n.10] A novidade do Evangelho supera essa separação. No Antigo Testamento Deus se dirige às mulheres como a mãe de Samuel e Sansão, mas quando se trata de fazer sua aliança com a humanidade dirige-se somente a homens. No início da nova aliança está a “mulher”; é à Virgem de Nazaré que Ele se dirige. Este é um sinal de que em Jesus Cristo “não há homem nem mulher”, a herança do pecado original é essencialmente superada. “Em Maria, Eva redescobre qual é a verdadeira dignidade da mulher”. [n.11]

3. **Cristo:** Cristo se dirigia frequentemente às mulheres e provocava, por isso, a indignação dos que o cercavam. [n.12] Nas ações de Jesus não se encontrava nada semelhante à sociedade de sua época quanto à discriminação da mulher. Dirige-se a elas como “filha de Abraão” (Lc 13,16), “filhas de Jerusalém” (Lc 23,28), enquanto no Antigo Testamento esse tratamento é reservado aos homens.[n.13] Diante da mulher adúltera, pronta para ser apedrejada, Jesus questiona os homens que a denunciam, como se dissesse que o pecado dela, denunciava o abuso, o pecado ainda maior cometido por eles, do qual somente ela foi culpada. [n.14] Jesus compartilha com as mulheres assuntos que não se tratavam com elas naquela época. Com a samaritana fala dos mistérios mais profundos de Deus, que Ele é Espírito, que o Pai quer verdadeiros adoradores. Também Maria ouvia maravilhada o Mestre e Marta foi capaz de fazer uma das mais belas e profundas profissões de fé. (Jo 11,21-27) Elas o compreendiam e no momento da cruz, a mais dura prova de fé, “demonstraram-se mais fortes que os apóstolos”. [n.15] Elas demonstram uma sensibilidade especial em relação ao Mestre: são as primeiras à ir a sepultura – ainda pela madrugada. [n.16] Com maior propriedade todas essas virtudes são encontradas na Mãe do Senhor. Pela encarnação do Verbo Maria torna-se mãe permanecendo virgem, nela se unem duas dimensões particulares da vocação da mulher: a maternidade e a virgindade. [n.17]

4. **A Maternidade:** A maternidade é fruto de uma entrega, de um “dom recíproco da pessoa no matrimônio” e da abertura especial para o acolhimento de uma nova vida, que exige maior doação da mulher. Esse gerar humano reflete o mistério eterno de gerar próprio de Deus. [n.18] A vocação da mulher à maternidade tem estreita ligação com o mistério pascal. Graças ao sim de Maria é que o Filho do Altíssimo pode ser concebido, por isso a maternidade da “mulher” permanece sempre relacionada com a Aliança feita por Deus com a humanidade. Na cruz, a mãe sente a dor da entrega do próprio Filho, participando ela própria do “despojamento” que Ele realiza para a salvação da humanidade. [n.19] A virgindade evangélica é sinal da esperança na promessa divina, pela sua dedicação exclusiva a Deus. No entanto ela não pode ser compreendida fora do seu caráter sponsal. A mulher, no seu chamado à virgindade, vê em Cristo o Esposo divino que “amou até o fim” e responde com o dom sincero de si mesma unindo-se a ele mediante a ação do Espírito Santo. [n.20] A virgindade evangélica implica a renúncia ao matrimônio e conseqüentemente à maternidade física. Mas a união espiritual com Cristo-esposo assume também a maternidade espiritual que a acompanha. De fato a mulher consagrada torna-se mãe. Enquanto no matrimônio essa maternidade dirige-se particularmente no amor e dedicação aos filhos, na virgindade consagrada ela se estende a todos. [n.21]

5. **A Igreja:** Também a Igreja é chamada mãe e virgem. Pelo cumprimento à vontade do Pai, ela, mediante a pregação e o batismo, gera para a vida nova os filhos concebidos pelo Espírito. Pelo depósito da fé ela permanece virgem, pura e íntegra, fiel ao Esposo. [n.22] Assim, o caráter sponsal dado a homem e mulher na criação é atribuído à relação entre Cristo e a Igreja. Tal união deve ser de uma doação total entre ambos, fruto do amor-comunhão que tem sua fonte na Trindade e seu ápice na Encarnação. [n.23] Quando Paulo exorta que os maridos amem a sua esposa como Cristo amou a Igreja, expressa o trato que os homens devem ter com as mulheres também fora do matrimônio. Tal amor não exclui nem contradiz a submissão que Paulo propõe às mulheres no matrimônio. Uma vez que essa submissão também deve ser compreendida como a relação Cristo-Igreja, Cabeça-Corpo, deve ser uma submissão recíproca, que envolve homem e mulher na única submissão a Cristo (Ef 5,21). [n.24] Próprios do ser humano, “masculinidade” e “feminilidade” se complementam. Com efeito, Deus se dirige a Israel como Esposo, mostrando seu imenso amor para com o seu povo (Is 54,5); no Novo Testamento a esposa de Cristo é a Igreja. Por esse motivo, cada homem e mulher são chamados a ser “Esposa de Cristo”. Também Paulo, quando se refere à sua missão na Igreja, se expressa com características “femininas”: “filhinhos por

quem eu sofro as dores do parto” (Gl 4, 19). [n.25] Cristo, em sua nova aliança, age livremente ao destacar a dignidade e a vocação da mulher, assim também o faz quando escolhe para o serviço apostólico somente homens. Ela não agiu dessa maneira pela influência cultural de sua época, pois, como já vimos, suas atitudes em relação às mulheres quebravam tais barreiras culturais, mas quis definir a vocação e missão do homem e da mulher no mistério da Redenção, tal como ele fez na criação. [n.26] A estrutura “hierárquica” da Igreja está orientada para a santidade de seus membros. Na hierarquia da santidade, Maria aparece como a “mulher”, a figuração da Igreja, que é conjuntamente “mariana” e “apostólico-petrina”. [n.27].

A Igreja, fundamentada em Cristo, busca promover a dignidade e vocação da mulher da maneira correta, retomando n’Ele os valores “imutáveis”, os princípios dos quais Ele mesmo permanece testemunha fiel. [n.28] Nos desígnios de Deus a mulher é aquela que oferece à humanidade condições particulares a fim de que “o amor de Deus seja derramado em nossos corações”: ela é chamada à existência junto ao homem para receber o amor do esposo e corresponder a esse amor. Isso não deve ser entendido somente no matrimônio, mas no fato da “feminilidade” da mulher constituir, em qualquer ocasião, uma vocação para a ordem do amor, “que é essencialmente a ordem da justiça e caridade”. [n.29] A “mulher” está presente em Gênesis e Apocalipse, descrita do início ao fim numa luta contra o mal. É uma luta pelo homem, pelo seu verdadeiro bem. Pela sua força moral e espiritual, Deus lhe confia de maneira especial o homem, o ser humano. Ela é forte exatamente pela consciência dessa missão, pelo fato de que “Deus lhe confia o homem”. [n.30] A Igreja enfim espera que as mulheres encontrem, na figura da “mulher” no mistério bíblico, sua suprema dignidade e vocação. [n.31]